

## A POESIA DE AGOSTINHO NETO E COSTA ANDRADE NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO DA NAÇÃO ANGOLANA

Kelly Ane Evangelista Santos<sup>\*</sup>  
Maria de Fátima Maia Ribeiro<sup>\*\*</sup>

**Resumo:** *A literatura por vezes é utilizada como instrumento fomentador de sonhos e tradutor de realidades adversas. Com base nessa idéia, o texto empreende o estudo dos processos de construção de nação e nacionalidade presentes nas obras Sagrada Esperança de Agostinho Neto e Poesia com Armas de Costa Andrade.*

**Palavras-chave:** Poesia; Lutas Políticas; Nação e Nacionalidade.

No ensaio Formas e Expressão nas Artes Africanas Ola Balogun afirma que em África as artes cumpriam sempre uma função social, fosse ela religiosa, pedagógica, ou mesmo de entretenimento. Um produto artístico nunca se encerrava em si mesmo, pelo contrário, era sempre recoberto de significado extra-artístico, que, ao ser decodificado, efetivava o diálogo constante desse objeto com a comunidade em que se encontrava inserido. Dentro de um contexto africano a arte atenderia muito mais à participação e à interação coletiva que à contemplação.

Esse modo de entender a arte africana, como algo que tradicionalmente não estaria alijado de cumprir uma função social, ajuda a afirmar cultural e socialmente um tipo de literatura desenvolvida nas últimas décadas que antecederam a independência de Angola. Referimo-nos às chamadas “literaturas engajadas”, ou fosse melhor dizer literaturas de libertação, pois estas traziam como sua questão central a luta dos povos colonizados pela liberdade.

Os escritores, preocupados com a função social da arte que produziam, utilizam-na como instrumento de conscientização e denúncia social. Nem sempre mantiveram interesse em elaborar uma escrita investida dos jogos clássicos da linguagem ou mesmo obediente às normas *eloqüentes* da métrica, do ritmo e da rima ocidentais. Desse modo, faziam uso de uma linguagem simples e direta, buscando apreender seu texto naquilo que eles apresentavam de mais efêmero, ou seja, na sua comunicabilidade, na sua transitividade com o próximo que o deseja para torná-lo seu (SANTIAGO, 1998, p. 14).

Até certo ponto, desobedientes aos padrões de escrita ocidentais essas literaturas serão por vezes tachadas de panfletárias, deslocadas para o plano das sublitteraturas e destituídas do seu valor estético. Ainda que permaneçam periféricas e estejam a todo tempo sendo confrontadas pelas forças centrifugas e hegemônicas da cultura ocidental, como afirma Stuart Hall (2003, p. 338), as literaturas não canônicas vêm interferindo nos espaços de hegemonia cultural. Por sua vez os espaços representativos da cultura hegemônica insistem em negar a diferença e a transpor para a esfera do rústico, do bárbaro e do desprovido de intelecto tudo aquilo que foge aos padrões ocidentalizantes de configuração.

As literaturas que assumem uma função social fazem vir à tona as injustiças e as desigualdades que assolam determinadas comunidades. O objeto artístico passa a servir como

---

\* Acadêmica do Curso de Letras da Universidade Federal da Bahia - UFBA; Bolsista do Programa Permanecer. [keevanufba@yahoo.com.br](mailto:keevanufba@yahoo.com.br).

\*\* Orientadora da Pesquisa; Professora Doutora de Literatura Portuguesa da Universidade Federal da Bahia - UFBA.

caixa de ressonância – expressão de M<sup>a</sup> Nazareth da Fonseca (2006) – por onde ecoam vozes de sujeitos que durante séculos experimentaram as mais cruéis realidades. Estando ligadas às classes minoritárias, tais literaturas dão visibilidade a realidades marcadas pelos mais diversos tipos de violência e sofrimento, algo que principalmente incomoda à parcela da população que vivencia uma realidade privilegiada. Pensemos, portanto, que por vezes atrás da atitude de negar o valor e a importância desses textos se esconde o não desejo de entrar em contato com as realidades que transbordam através deles. Fredric Jameson a esse propósito vai afirmar:

“a falta de simpatia por essas literaturas é em muitos casos uma objeção ao disfarce para alguns temores mais profundos dos ricos, sobre o modo como algumas pessoas vivem em outras partes do mundo. (JAMESON, 1986, p.2)

As obras *Sagrada Esperança*, de Agostinho Neto, e *Poesia com Armas*, de Costa Andrade, se inserem dentro desse conjunto de textos que buscam traduzir o cotidiano de populações marginalizadas e marcadas por injustiças promovidas pelos sistemas de opressão social. Ligadas em sua gênese ao contexto sócio-político das últimas décadas que antecederam a independência de Angola, as obras de Neto e de Andrade transbordam de conflitos, de ideologias e de sentimentos que compuseram o ambiente dessa época.

Agostinho Neto nasceu em 1922 e grande parte de seus poemas são datados entre as décadas de 40 e 60, o que significa que foram feitos em um período que antecede a deflagração da luta armada em Angola. Neto faz parte da geração de poetas angolanos que estavam voltados para a contestação do colonialismo e para o fortalecimento da consciência nacional. As bases temáticas de *Sagrada Esperança* podem ser divididas em dois grandes eixos: o primeiro voltado para a denúncia social, traz, como temas, a alienação, a prostituição, a violência, a exploração econômica, a repressão social e política. O segundo eixo estaria ligado à construção da nação e da nacionalidade e apresenta os temas da esperança, do resgate dos valores e das tradições culturais.

Os textos são organizados de modo a seguir uma ordem temática, que parte da tomada da consciência, passa pela denúncia dos flagelos sociais e culmina com a adesão à luta armada e à fomentação da nação, ainda que utópica. Os poemas transferem a obra, respeitadas as suas particularidades temporais e contextuais, um verdadeiro caráter épico. Tal aspecto tem seu início já no primeiro poema “Adeus à hora da largada”, quando o eu enunciativo em tom audaz anuncia o momento inicial da saga angolana na luta pela libertação:

[...]  
Mas a vida  
Matou em mim essa mística esperança

Eu já não espero  
Sou aquele por quem se espera

Sou minha mãe  
A esperança somos nós  
Os teus filhos  
Partindo para a fé que alimenta a vida. (NETO, 2004, p.7)

Tais versos marcam o momento de ruptura onde o passado caracterizado pela postura alienada da espera é abandonado para dar início a um período de transformação. A palavra “esperança” é eleita pelo poeta para traduzir o momento de transformação social que pretende

apreender em seus poemas. É nesse sentido que se pontua a oposição entre a “mística esperança” já não mais existente e uma nova esperança que se sacraliza à medida que deixa de ser símbolo da espera e passa a ser combustível motor da luta que se inicia. Essa “sagrada esperança”, com que o autor intitula a sua obra, deixa de ser sinônimo da divina providência, desce do plano do abstrato e se materializa, convertendo-se no próprio povo angolano que assume a responsabilidade de construir seu próprio futuro. Como afirma Neto “A esperança somos nós / os teus filhos”.

Ciente de que a revolução movida por aquela “fé que alimenta a vida” não exigia apenas a libertação das estruturas políticas e sociais, mas requeria, acima de tudo, a descolonização das mentes do homem angolano, Neto alia à denúncia dos problemas sociais a denúncia da alienação do povo, para não dizer população. Assim seguem o mesmo poema inicial:

[...]  
Somos nós mesmos  
Os contratados a queimar vidas nos cafezais  
Que devem respeitar o homem branco  
E temer o rico  
Somos os teus filhos  
Dos bairros de pretos  
Além aonde não chega a luz elétrica  
Os homens bêbedos a cair  
Abandonados ao ritmo de um batuque de morte  
Teus filhos  
Com fome  
Com sede  
  
Com vergonha de te chamarmos mãe  
Com medo de atravessar as ruas  
Com medo dos homens  
Nós mesmos... (NETO, 2004, p.7)

Os versos insistem que o futuro da nação estaria nas mãos de homens angolanos conscientes da realidade social em que estavam inseridos e principalmente de sua própria alienação. Colocam-se desse modo dentro daquilo que foi apontado por Alfredo Margarido acerca do movimento cultural da época: O projeto de descobrir Angola continha implícita, a denúncia e o reconhecimento da alienação imposta aos angolanos – de todas as etnias – pelo colonialismo português. (1980, p. 362).

Por último o poema traz a mensagem da certeza da conquista da liberdade. Certeza que seria o motivo final de toda luta.

[...]  
Amanhã  
Entoaremos um hino à liberdade  
Quando comemorarmos  
A data da abolição desta escravatura.... (NETO, 2004, p. 8)

Seguindo com a denúncia dos problemas sociais, Neto se dedica a aprender e a expressar da forma mais simples e fiel não só as mazelas, mas, acima de tudo, os sentimentos que comandavam a subjetividade do homem angolano e que ajudavam a configurar o ambiente social

de uma Angola dominada pelo sistema colonial. Vai ser exatamente nesse ponto que a poesia de Neto afirma sua magnitude.

Através da montagem verbal de quadros do cotidiano, Neto nos faz conhecer o medo, o desespero, a ansiedade que comandam a mente e os corações das famílias dos musseques; a desesperança que emanava do corpo calejado da quitandeira; a saudade, a revolta e o cansaço que dominavam os corações e nos corpos explorados dos contratados. Entende-se assim a poética de Neto como sendo uma poética de inserção social, por onde o autor se inscreve e escreve conjuntamente toda a sociedade.

Porém a voz que denuncia a exploração e a coisificação do homem, é também a voz que profetiza um futuro de liberdade e que fomenta a construção da nação humanitária. Faz com que a Angola do medo e do sofrimento possa ser renovada pela Angola da Esperança. Nesse sentido, Margarido chama a atenção para o fato de que

[h]á nesta literatura um elemento importante, a carga profético-messiânica. A literatura de Angola descreve o estado das coisas, mas procura ao mesmo tempo superá-la pelo anúncio da transformação, que perpassa sistematicamente nos poemas, como também na prosa de combate. Quer dizer que não se pode compreender a literatura [...] se não se der atenção a esta construção de mundo futuro. (MARGARIDO, 1998 p. 362)

O projeto de nação proclamado tanto na obra de Neto como na obra de Andrade se funda no resgate das tradições culturais e na adoção dos valores humanitários de matriz marxista. A nação que se buscava alcançar no futuro seria formada por uma sociedade consciente de sua identidade cultural e tomada pelos valores da solidariedade, fraternidade, igualdade. E é a essa a mensagem utópica que se chega ao final da obra de Neto.

[...]  
anuncie o cair dos chicotes  
e os homens felizes na incomodidade de hoje  
nos campos de batalha, nas prisões, no exílio  
construindo o amanhã, para uma terra nossa pátria nossa  
independente  
construção  
e  
reencounter  
.....  
Reencontrar-se nos campos de trabalho  
na socialização  
na entre ajuda gloriosa nos campos  
nas construções  
nas caçadas  
na coletivização das catástrofes e alegrias  
na congregação dos braços para o trabalho  
reencontrar-se nas tradições e nos caminhos feiticeiros  
no medo no furor dos rios e cataratas  
na floresta na religião na filosofia  
a essência para a nova vida da pátria...

Anunciada a liberdade, são ditados os termos que definem a nova pátria: união, o reencontro com a natureza e com a tradição, solidariedade e igualdade são as máximas que

definem a pátria utópica, pertencente ao imaginário de Neto e também de Costa Andrade. Utópica mais uma vez aqui referida para problematizar a questão e suscitar a reflexão crítica atualizada.

Assumindo também a luta pela revolução, nascido na década de 1930, e por isso ligado mais fortemente ao ambiente de luta armada, Costa Andrade vai fazer parte da geração de poetas que assumem um discurso muito mais voltado para o anúncio do combate armado. Como o título de sua obra já anuncia, “Poesia com Armas” nos coloca em contato com uma poética incisivamente combativa, um caráter que o poeta faz questão de expressar já no poema com que inicia sua obra:

Juntei nas mãos  
os meus poemas  
e lancei-os ao deserto  
para que as areias  
se transformem em protesto.  
Sejam catanas armas ou punhais  
sejam protesto.

A ânsia de protesto contém em si a arma construtiva para a independência:

Sobre a terra prometida  
o mundo;  
  
e uma arma tão forte que construa  
os alicerces desta sede insaciável de criar  
independência.

O poema continua estabelecendo relações e palavras de ordem “poesia”, “arma”, e “causa”:

Poesia  
será depois a Revolução  
em seu entendimento permanente.

[...]  
Lançados no caminho  
iremos segredando à continuidade  
desde os contos de ninar  
aquilo que nos é amor e causa.  
(Andrade, 2004, p. 27)

O poema é antes de tudo uma definição da poética do escritor, que, ao assumir a função primeira de combate, atua na veiculação de um discurso de protesto e conscientização e se transforma em arma eficaz na desarticulação do colonialismo repressivo e na conquista da liberdade. O poeta vai ainda além e nos convida a entender a poesia enquanto elemento que revoluciona e que, ao mesmo tempo, está em constante revolução. Nesse jogo entra em questão o próprio sentido da literatura que passa a ser pensada longe dos paradigmas esteticista que a aprisionam e a condicionam a modelos julgados universais. Afirma-se assim que a criação literária articulada a reivindicações sociais e política, não inviabiliza a arte, pelo contrário,

confere a esta um caráter multifuncional, ampliando as possibilidades de espaços em que esta pode vir a atuar e, atuando, poder promover a transgressão, a nível artístico, cultural ou social.

*Poesia com Armas* concatena, também, o desmascaramento das arbitrariedades do sistema colonial e a pregação da nação futura. Como faz Agostinho Neto, Andrade recupera os temas da exploração, da violência, da alienação e da valorização dos bens culturais e naturais. Porém a ênfase será dada aos temas da guerrilha e do guerrilheiro.

O ambiente a ser capturado deixa de ser o das ruas dos musseques, como ocorre em *Sagrada Esperança*, e passa a ser o da guerrilha. As ações, as palavras, os sentimentos que formatavam o ambiente das fileiras de luta pela independência nos são mostrados sob a autoridade e a partir da memória do poeta e ex-guerrilheiro.

No poema “Emboscada”, as questões apresentam-se a partir do poder de sugestão da linguagem:

O dia estranhamente frio  
o tempo estranhamente lento  
a vegetação estranhamente densa  
a estrada estranhamente clara  
todos estranhamente mudos  
placados e estranhamente a espera

Um tiro  
e as rajadas uns segundos

até que estranhamente duro  
o silêncio comandou de novo os movimentos.

Talvez fossem homens bons os que caíram  
mas cumpriam estranhamente o crime  
de assassinar a pátria alheia que pisavam. (ANDRADE, 2004, p.75).

A poética militante de Andrade nos coloca diante da emboscada e de toda frieza e a violência que estavam no invólucro dela. Além de registrar as ações da guerrilha, o espaço poético é utilizado para inscrever o sentido mais profundo da luta. Por isso, ao final é necessário que se diga que a guerra não é feita contra inocentes, mas sim, contra aqueles que assassinam a Pátria alheia. Já no ensaio sobre a cor, o louvor à guerrilha se alia à consagração do seu personagem principal: O guerrilheiro:

Aqueles que não viram nunca a  
uma ferida aberta  
pela explosão de uma granada  
não podem entender  
quanto amor à vida  
à cor  
e as flores do país natal  
existe  
na decisão  
do guerrilheiro. (ANDRADE, 2004, p. 82)

Símbolo de coragem, força e do amor à pátria, o guerrilheiro é celebrado como herói da nação. Se ampliarmos a reflexão de Stuart Hall de que a memória de cada nação é constituída

pelas narrativas que documentam suas grandes batalhas (2000, p.52), podemos acrescentar-lhes os seus grandes heróis, pertençam eles ao campo do real ou do imaginário, e teremos a guerrilha e o guerrilheiro inseridos pela poética de Andrade no imaginário da nação.

Assim concebemos as obras *Sagrada Esperança*, de Agostinho Neto, e *Poesia com Armas*, de Costa Andrade dentro daquilo que Stuart Hall vai chamar de literaturas que transportam a narrativa da nação e esse olhar nos é autorizado porque nelas identificamos as perdas, as imagens, os valores, os símbolos e os triunfos que formam a noção da angolanidade nos discursos construídos por eles poetas, de certo modo, guerreiros.

## REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamim (org). *Margens da cultura; mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

ANDRADE, Costa. *Poesia com Armas*. Biblioteca de Literatura Angolana. Luanda: Edições Maianga, 2004.

BALOGUN, Ola e outros. Forma e Expressão nas Artes Africanas. In: Balogun, Ola e outros. *Introdução à cultura africana*. Lisboa: Edições 70, 1980. p. 37-94.

HALL, Stuart. Que “negro é esse na Cultura Negra? In: *Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG. 2003. 335-348.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

JAMESON, Fredric. *Third-World in the Era of Multinational Capitalism*. Social Texto, N. 15, Autumn, 1986, p. 65-88. Tradução não-oficial: Andréa Viana F. Santos e Henrique Celso Santos(dig., 2006).

MARGARIDO, Alfredo. *Estudos sobre Literatura das Nações Africanas de Língua Portuguesa*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.

NETO, Agostinho. *Sagrada Esperança*. Biblioteca de Literatura Angolana. Luanda: Edições Maianga, 2004.

SANTIAGO, Silviano. Democratização no Brasil: 1979-1981 (Cultura versus Arte). In: SANTIAGO, S. *Declínio da arte e ascensão da cultura*. Florianópolis: ABRALIC. Letras Contemporâneas. 1998. p 11-23.